

Escuela Freudiana de Buenos Aires

"O sujeito sob proteção"

Em 1936, em Marienbad, Lacan colocou, como chave para a revolução do método que Freud inventou, sua submissão ao real. Freud, quando encontra o impossível, não só não desiste, mas ao levá-lo ao limite, conceitua o inconsciente.

Agora, em dívida com seu legado, com o saber-fazer quando o real assume sua marca, cada analista é forçado – como Lacan gostava de dizer – a reinventar a psicanálise, para extrair dela uma teorização que a torne transmissível na extensão da psicanálise.

É nesta passagem que vou fazer uma pausa, para compartilhar com vocês algumas reflexões.

Se desde cedo, em seu ensino, Lacan precisa deixar suscitada a alteridade instituinte, que depois coroa a invenção do objeto "a", é porque nesse lugar o sujeito é protegido quando a estrutura coloca em ação a relação com o Outro e com os outros.

Estabelecido como matriz originária de uma lógica coletiva, articula-se o que o vínculo verifica: que há sempre algo de "inadequado" na relação de Um com o Outro, porque se trata de uma articulação ternária. Entre dois há sempre um e o "a" e em nenhum caso pode ser tomado por "um Um"¹.

É aí que reside a raiz do incompreensível do ser que nos habita.

É impossível evitar o que Freud já havia antecipado em 1920: que o coletivo não é nada sem o sujeito do indivíduo². Esta é a máxima antecipatória da escrita em que todo discurso é suspenso, formalizando o que rege o laço social.

Nos últimos anos de sua prolífica obra, Freud escreveu, em 1930, "O mal-estar na cultura"³, onde levantou questões fundamentais sobre a psicanálise e o coletivo, às quais Lacan voltaria mais tarde em seu Seminário⁴. Lá ele menciona uma tese central em torno da qual gira todo o seu desenvolvimento, a do sofrimento que nos ameaça em três lugares altamente sensíveis para a vida humana: o próprio corpo e sua decadência, o mundo externo com sua força onipotente e destrutiva e as relações com outros seres humanos. Porque uma vez que o instinto de morte foi

¹ Lacan, J: Seminário XX. Trecho da palestra de 16-1-73. Fragmento. Tradução de Carlos Ruíz. Biblioteca RRPonte. A EFBA

² Lacan, J: " O tempo Lógico e a Assertiva da Certeza Antecipada". Escritos I- Editores do século XXI.

³ Freud, S: "El malestar en la cultura". Volume III-Ed. Nova biblioteca. Madrid.

⁴ Lacan, J: Seminário VII: "A ética da psicanálise" - Ed. Paidós

introduzido em 1920, nada, nem a religião nem as narcoses, poderia impedir o encontro com o que vai além do princípio do prazer, que traz consigo a instância inevitável do automatismo da repetição.

Diante da impossibilidade de plena satisfação, o homem continuará a se deparar com a insuficiência que qualquer recurso apresenta.

Freud aborda o sentimento de culpa e sua relação inconsciente no progresso da cultura com o superego cultural, o que leva ao desconforto. A ética, que dela procede, resume-se nos ideais que, erguidos em normas, surgem como exigências no ponto mais vulnerável de cada cultura. Entre suas conseqüências, o mandamento "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" se destaca como irrealizável, embora a religião, ao incitar sua busca, seja abundante em promessas e benefícios, fertilizando assim o futuro de uma ilusão.

No final, Freud semeia um certo ceticismo sobre se no futuro do desenvolvimento cultural ele será capaz de enfrentar as perturbações desencadeadas do instinto de agressão e autodestruição, pois denuncia que o extermínio pode chegar a tal ponto que termina com o último homem, deixando para Eros o enigma da resolução de tal resultado.

Quando Lacan retoma questões fundamentais do texto freudiano em seu Seminário⁵, ele produz uma virada decisiva.

A relação indelével de amor paterno e rivalidade fraterna, que deriva do mandamento de amar o próximo, coloca no centro da cena o que o pequeno outro implica em sua realidade íntima: "o nebenmensch", uma fortaleza surpreendente que dá origem ao marginal e ao semelhante, separação e identidade. A partir daí, a recriação da armadilha imaginária que o especular colocará no encontro com o sujeito até tocar o "das Ding", elemento estranho que em sua intimidade se apresenta como o Outro absoluto do sujeito. É uma emergência primordial em relação ao estranho, na qual o paranóico não acredita e que carrega a iminência do gozo.

Lacan lê em "O desconforto na cultura" que o gozo é um mal e o é porque acarreta o mal do outro; Como também implica o além do princípio do prazer, a pulsão de morte introduz na relação com o outro, o gozo inerente ao próprio vínculo.

Assim, o gozo do próximo nos coloca o verdadeiro problema do amor.

⁵ Lacan J: "A Ética da Psicanálise". Ed Paidós.

Finalmente, chegamos à questão da psicanálise e do lugar do analista. Seguindo o rastro que Freud traçou ao deixar Eros como saída, Lacan foi capaz de indicar o paradoxo do mal no gozo que toda relação com o outro acarreta.

Portanto, descubro que a posição do analista na qual sua função é sustentada é decisiva. Se o discurso analítico é o laço social que a transferência estabelece em cada análise, sua eficácia na resolução do problema do gozo é crucial.

Embora não seja garantido, exige responsabilidade ética em sua conduta. É uma solução que acontece uma a uma, porque como não existe coletividade, não existe para todos. Caso contrário, seria um retorno ao pior entronizar o ideal.

Além disso, fazer da psicanálise uma "weltanschauung" é perverter seu campo e levá-la a uma ideologização que trai seus fundamentos.

Pelo contrário, remetê-lo à função analítica deixa o caminho aberto para poder localizar outro destino de gozo, uma vez que o sintoma que o fantasma encenou foi reduzido.

É então na própria transferência que se joga o jogo em que o gozo é posto em questão, na medida em que o analista se faz ser pelo semblant que ocupa, o objeto fantasmático que rege a vida do sujeito. Um ponto de inflexão crucial no qual, após sua queda, arrasta consigo a desuposição de saber sobre a qual toda a experiência foi sustentada.

Tendo recebido a verdade rejeitada do gozo, o analista realiza a figura do santo, como aponta Lacan, na medida em que encarna a expulsão do gozo. Além disso, o analista é o rejeitador de um gozo singular⁶, que, tendo passado do lado do Outro, escreve sua inexistência.

Agora, o que resta do lado do anáлизante?

Deixo-o à mesa.

Se o vizinho chegou a um bom lugar, recriando a falta⁷, uma elaboração que diz respeito ao vínculo transferencial, e se tem, como nem sempre acontece, o recurso reparador do sintoma, para saber fazer com o que não tem remédio, se ele foi capaz de canalizar o gozo através de uma via sublimatória que faz do vínculo com o outro uma instância criativa e não predatória, talvez a psicanálise possa dar alguma contribuição vital para a vida coletiva.

⁶ Lacan, J: "Televisão". "Otros Escritos". pg.546. Ed. Paidós.

⁷ Vegh, I: "El prójimo: enlaces y desenlaces del goce". Lugar Ed.

Alejandra Rodrigo

Escuela Freudiana de Buenos Aires

Mayo, 2025- Buenos Aires, Argentina